

ECO-92: meio ambiente e desenvolvimento

A cidade do Rio de Janeiro transformou-se durante alguns dias em capital mundial da ecologia. Lá se debateu o problema — tão angustiante para a humanidade de hoje — de conciliar ecologia e desenvolvimento. Seria deturpar o objetivo deste fórum internacional se o reduzíssemos à defesa da ecologia em detrimento do desenvolvimento. De fato, os dois pólos não são necessariamente irreconciliáveis, embora até o presente o desenvolvimento tenha sido incentivado às custas da destruição e depredação da natureza. As conseqüências são patentes: morte lenta de rios e mares, poluição sonora e atmosférica das grandes cidades, urbanização caótica e desumana, desmatamento, extinção de milhares de espécies, alterações climáticas, uso desmesurado de defensivos agrícolas, empobrecimento gradativo de solos antes férteis etc.

A destruição do meio ambiente não é exclusiva de nosso século. Vem acontecendo desde a época da colonização através de um mercantilismo depredador e acentuou-se ao ser implantada a revolução industrial. O despertar, porém, para a questão ecológica é, esse sim, fenômeno recente. Os desastres foram-se acumulando e exigindo uma tomada de posição. As conseqüências trágicas de uma relação insensata com a natureza estão estampadas nas diferentes "chagas" infligidas ao meio ambiente. Parece ser ainda tempo de despertar e impedir a hecatombe da natureza.

Cresce a consciência do problema. Não há, porém, unanimidade quanto a sua interpretação e solução. Num dos extremos está uma visão romântica do meio ambiente que reproduz o naturalismo da filosofia humanista do século XVI. A nudez do índio, o clima cálido, a selva sempre verde, a extensão territorial deixavam os europeus deslumbrados quando aportavam às Índias Ocidentais. Chamavam-lhe a atenção a pujança e o exótico da natureza e a vida livre e harmoniosa dos índios. Criou-se a teoria do "bom selvagem". Mas todo esse romantismo não foi capaz de abrir-lhes os olhos para o genocídio e o etnocídio em curso. De fato, o naturalismo romântico foi a única contribuição cultural

significativa que o Brasil deu à Europa na época da colônia. Certo ecologismo romântico cai no mesmo erro de ressaltar apenas a intocabilidade de uma natureza ainda virgem e de esquecer as conseqüências funestas de um consumismo exagerado e marginalizador. Luta-se por "ilhas" de natureza preservada sem se predispor a abdicar de certos privilégios em vista da construção de uma ecologia global mais humana.

Outra tendência procura obter lucro com o apelo ecológico. A preservação do meio ambiente torna-se uma questão de marketing. Fala-se de um capitalismo verde. Oferecem-se produtos com certificado ecológico. O verde faz parte da qualidade do produto e o torna mais vendável. Economistas e empresários apresentam-se com mentalidade ambientalista. Mas ambientalismo não significa ecologismo. Procura-se cumprir algumas tarefas do projeto ecológico, sem se introduzirem na mentalidade moderna as mudanças fundamentais indispensáveis para garantir verdadeira preservação da natureza. A humanidade precisa mudar sua maneira de se relacionar e posicionar diante da natureza. O mero ambientalismo não basta.

Pois nem ele nem o naturalismo alcançam superar o antropocentrismo exagerado da civilização ocidental. É preciso dar um passo adiante rumo a um biocentrismo que coloque a vida como medida de todas as coisas e advogue a defesa de todas as formas de vida. Somente então se chegará a um verdadeiro equilíbrio do meio ambiente, conjugado com o devido respeito à vida humana. Esta posição biocêntrica entra em choque com a mentalidade individualista da sociedade moderna, porque exige a abdição de comportamentos consumistas em vista de maior frugalidade.

Entretanto, pregar a redução do consumo em países pobres, onde imparam a desnutrição e o baixíssimo consumo de calorias, é, no mínimo, uma sarcástica ironia, para não dizer, afronta. Estará preso nas malhas da ideologia dominante o ecologismo que não souber integrar a justiça social. O início da ecologia é o resgate de vidas humanas ameaçadas. Sem melhorias no ambiente social e humano não existe verdadeira preservação do ambiente natural.

A crise ecológica é, antes de mais nada, uma crise ética. Sinal de alerta a apontar para a exaustão do atual paradigma de civilização que se manifesta nas três estruturas que organizam e sustentam todo processo civilizatório: a produção material, a convivência social e o universo simbólico.

A produção material se organiza segundo um paradigma que, nos últimos séculos, se desenvolveu às custas da destruição da natureza. Baseia-se na visão de desenvolvimento como aproveitamento e transformação dos recursos da natureza e inspira-se na ideologia do progresso contínuo e acelerado. As conseqüências do tipo de produção motivado e inspirado por esta concepção foram e estão sendo trágicas pelos seus efeitos depredadores e poluidores. É necessário introduzir outro paradigma de produção e desenvolvimento em harmonia com a preservação da natureza.

A principal força propulsora do atual modelo de desenvolvimento e progresso é a lógica do mercado, ou melhor, a lógica do lucro. Ela imprime dinamismo e aceleração ao processo. Mas as conseqüências para a convivência social são profundamente trágicas, porque uma lógica concentradora de renda discrimina e marginaliza. Se a economia e, conseqüentemente, a sociedade se organizam a partir do mercado, quem não participa dele, na prática, não é cidadão. Resulta, assim, uma grande maioria posta à margem das estruturas de intercâmbio econômico-social. A convivência social torna-se então tremendamente conflitiva e, por isso, violenta. A destruição da tessitura da sociedade é questão de ecologia humana e social.

Todo processo civilizatório recebe sua última justificação do universo simbólico. Ora, o mundo simbólico que sustenta o atual paradigma é organizado pela razão instrumental moderna, a razão colocada a serviço do domínio da natureza e da produção de saber técnico. Nessa perspectiva, a natureza é mero objeto de pesquisa científica e de manipulação técnica. Destarte, o universo simbólico que dá suporte ao atual paradigma de desenvolvimento e progresso é um conjunto de valores, que se concretiza na mentalidade materialista e consumista vigente. Assim, a razão instrumental com o universo simbólico por ela criado é a causa última do modo moderno de o ser humano se relacionar com a natureza. A crise ecológica é, por conseguinte, crise da razão instrumental.

Somente a ética poderá fornecer uma chave de solução para esta crise. A razão moderna, por ser instrumental e eficientista, não assume uma perspectiva finalística e, por isso, separa racionalidade e ética. O exemplo mais claro está na cisão entre economia e ética. O progresso assim conduzido busca apenas eficiência e resultados econômicos, não se perguntando pelo quilate moral dos meios usados e dos efeitos produzidos. Prova disso é a maneira de tratar a dívida externa. Os países pobres depredam a natureza, entregam-se a frenesim produtivos em vista de obter superávits que visam quase exclusivamente ao pagamento da dívida e não ao real desenvolvimento do povo. Os ajustes econômicos exigidos provocam desnutrição e fome, devido à recessão e ao desemprego. Mas não se levam em consideração tais efeitos, senão unicamente a racionalidade instrumental econômica com seus princípios e regras a-éticos. Sem a superação desta racionalidade e a submissão dos processos econômicos à ética não existe verdadeira solução para a questão ecológica.

A razão instrumental não se coaduna com a consciência ecológica atual. É necessário chegar a uma racionalidade ecológica na administração das atividades humanas que têm impacto sobre o meio ambiente. A natureza não é inesgotável, nem tem uma capacidade de auto-sustentação suficiente para absorver os gravíssimos efeitos agressivos da civilização industrial. É imperioso repensar a relação com a natureza.

A essa problemática se refere Alvin Toffler, em seu livro A Terceira Onda, ao dizer que o movimento ecológico "tem feito mais do que atacar a poluição, os aditivos da comida, os reatores nucleares, as rodovias e os aerossóis para aplicar no cabelo. Também nos forçou a pensar de novo em nossa dependência

da natureza. Em consequência disso, em vez de nos concebermos como empenhados numa luta sangrenta com a natureza, estamos nos voltando para uma nova concepção que acentua a simbiose ou a harmonia com a terra. Estamos mudando de uma atitude de adversário para uma atitude de não-adversário”.

É mérito do ecologismo, em última análise, propor um novo modelo de desenvolvimento, de sociedade e de cultura e, conseqüentemente, um novo paradigma de civilização, cuja implantação significará superar a mentalidade individualista e consumista da civilização atual. O ecologismo tem igualmente papel organizador em vista de uma nova ordem internacional, já que os problemas ecológicos não se resolvem no âmbito nacional, mas através de acordos internacionais. O apelo ecológico pode tornar-se uma força de pressão dos países pobres sobre os ricos no sentido de uma mudança da ordem econômica mundial.

Num primeiro momento, o ecologismo lutou pela legitimidade e reconhecimento de suas idéias, hoje já pertencentes à consciência coletiva. Trata-se agora de batalhar por eficácia e coerência técnico-prática, criticando visões deturpadoras da ecologia, tematizando o ecologismo de Estado, implementando uma perspectiva ecológica nos planejamentos econômicos e propondo uma legislação ecológica. Baseia-se tal estratégia no princípio fundamental da sobrevivência pela via da cooperação e não da competição.

Impõe-se como conceito-chave o desenvolvimento sustentável, cujos elementos essenciais são a manutenção dos processos vitais dos ecossistemas na exploração dos recursos naturais e o objetivo de proporcionar bem-estar às gerações atuais e futuras.

Apesar de efeito abrangente na reorientação das relações das pessoas entre si e com a natureza, sofre o modelo do desenvolvimento sustentável ainda do limite de pensar o social desde o econômico. Só uma visão holística, que inverta tal processo, ao fazer o econômico girar em torno do eixo social, trará real desenvolvimento.

A amplitude da degradação ambiental e suas dimensões universais exigem, para que a preocupação ecológica seja efetiva, sempre maior consciência da cidadania planetária. A terra deverá tornar-se a grande aldeia global onde todos, homens e mulheres de todas as raças e línguas, sintam-se como cidadãos responsáveis. Para a criação desta consciência foi e é de grande significado o aparecimento das assim chamadas Organizações Não-Governamentais (ONGs) que surgiram justamente a partir da questão ecológica. Lamentavelmente nos países pobres a maioria das pessoas carece de consciência de cidadania mesmo em sua própria pátria.

O homem ocidental moderno sente-se estranho diante da natureza. Não existe uma relação de intimidade com as plantas, os animais e a terra em geral. Por isso, destrói a natureza porque não a sente fazendo parte de sua vida. Os povos que não foram atingidos por esta mentalidade têm, pelo contrário, uma

espontânea consciência ecológica. Ela se traduz na sabedoria do Cacique Seattle quando em 1854 responde ao Presidente dos Estados Unidos, sobre a compra das terras indígenas:

"O homem branco deve ensinar a suas crianças que o solo a seus pés é a cinza de nossos avós. Para que respeitem a terra, deve ensinar a seus filhos que a terra foi enriquecida com as vidas de nossos antepassados, que ela é a nossa mãe. Tudo aquilo que acontecer à terra, acontecerá também aos filhos dela. Se os homens cospem no solo, estão cuspidos neles mesmos. Sabemos que a terra não pertence ao homem. O homem sim, é que pertence à terra".

E conclui:

"A terra é preciosa para Deus. Ofender a terra é desprezar o Criador".

As agressões à natureza são fruto do egoísmo e da ganância que se corporificam em estruturas de pecado. A humanidade precisa ser salva deste pecado para que a natureza seja liberta e respeitada. Eis por que "a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente. E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção do nosso corpo" (Rm 8, 22-23).